

TRAGÉDIA ► Patrimônio destruído

LUCAS LACAZ RUIZ



ESTRAGO - Foi a maior cheia da cidade

SERGIO NEVES/AE

Destruição e caos na histórica Paraitinga

Igreja Matriz, do século 19, já ruiu e imóveis tombados estão ameaçados

Bruno Paes Manso
ENVIADO ESPECIAL
SÃO LUÍS DO PARAITINGA

Eram 11 horas da manhã de ontem quando ruiu a primeira torre da Igreja da Matriz, construída no século 19, em São Luís do Paraíta, no Vale do Paraíba. Uma grande onda de água se formou nas águas do Rio Paraitinga, que cobriam as ruas da cidade. A forte correnteza levou abaixo, logo depois, a segunda torre da Matriz e três casarões vizinhos tombados pelo patrimônio histórico. Moradores que viam a cena, ilhados nas ruas de paralelepípedo da parte mais alta da cidade, começaram a chorar.

As cheias que atingiram Paraitinga nos últimos dois dias ameaçam um dos mais importantes patrimônios culturais do Estado. Ainda é impossível saber quantos casarões ficaram de pé, entre os mais de 90 tombados - 10 já vieram abaixo.

Rio subiu mais de 10 metros; só se sai e chega à cidade de barco

A Igreja de Nossa Senhora das Mercês, do século 18, que contém rara imagem de Nossa Senhora grávida, também ruiu. Só uma das igrejas da cidade sobreviveu. "São prédios da época do café construídos em taipa de pilão, técnica onde o barro é socado com a pedra, que fica muito vulnerável às águas", explica o engenheiro civil Jairo Borriello, morador da cidade que teve a casa coberta.

Nas ruas do centro histórico,

completamente submerso, só era possível enxergar o topo de postes de luz e os picos dos telhados das casas com dois andares ou mais. Desde as 2 horas da madrugada, a energia da cidade foi desligada para permitir que o tráfego de botes de resgate ocorresse sem riscos de se enroscar nos fios. Só se sai e chega à cidade de barco.

O rio subiu cerca de 10 metros e cobriu a delegacia, o mercado municipal, a maioria das pousadas, escolas, postos de saúde, hospitais, deixando quase toda a cidade embaixo d'água. Mais de 5 mil moradores estão desabrigados, metade da população, mas ninguém morreu graças à agilidade das equipes de rafting que começaram a resgatar os desalojados desde anteontem (veja ao lado). "O maior consolo é que não temos vítimas. Mas falta tudo, água, remédios, comida, já que mercados, postos de saúde e todo o resto ficou submerso", disse a prefeita Ana Lucia Bilardi Sicherle, que também ficou com a casa submersa.

Na maior enchente da história da cidade, nos anos 1930, a água atingiu o segundo degrau da igreja da Matriz. As cheias de ontem cobriram até o belo altar de mármore da igreja e as águas passaram dos 4 metros. Técnicos da Defesa Civil explicaram que a chuva que caiu sobre os Rios Chapéu e Paraitinga motivaram as cheias. As ruas começaram a encher na manhã de anteontem. Por volta das 14 de anteontem, ainda era possível se entrar e sair da cidade. A ponte e os demais acessos da cidade foram cobertos pelas águas na madrugada de ontem. O tradicional carnaval do município está ameaçado. ●



AJUDA - Com botes, equipes de rafting auxiliaram no resgate às vítimas das águas em São Luís

MARIO ÂNGELO/AE



TRAGÉDIA - Igreja ruiu ao ser atingida pelas águas; pelo menos dez prédios tombados já vieram abaixo

MARIO ÂNGELO/AE



ESCOMBROS - Pouco restou da Igreja Matriz de São Luís de Toloza, um dos pontos turísticos da cidade

Equipes de rafting ajudaram no resgate

Para quem olha do alto dos morros como São Luís do Paraitinga ficou submersa, é difícil acreditar que a tragédia não tenha registrado nenhuma vítima fatal. Os moradores apontavam ontem os heróis que evitaram o pior: os integrantes dos grupos de rafting que trabalham com turismo na cidade. Por mais de 24 horas seguidas, eles realizaram entre 50 e 100 resgates, quando ainda era possível pedir e prestar socorro.

Foram oito grandes botes de borracha, tripulados por cerca de 40 pessoas ao todo, entre funcionários e voluntários, com equipamentos pertencentes a três equipes de turismo de São Luís do Paraitinga - Companhia de Rafting, Montana Rafting e Paraitinga Rafting. Eles contaram com apoio e coordenação de três funcionários do Corpo de Bombeiros. "Vivemos situações difíceis, mas as mais complicadas era quando o morador não queria deixar a casa, como uma senhora que se trançou no banheiro. Não entendo esse apego aos bens materiais", dizia o marceneiro Roberto Leandro, de 28 anos.

A movimentação dos barcos começou ainda no início da manhã de anteontem, quando as águas na região do centro histórico estavam na canela. "Mas já tinha moradores isolados na beira do rio. Começamos a ir de um em um, sem parar", diz João Eduardo do Espírito Santo, da Companhia de Rafting.

Os resgates ocorriam entre aqueles que iam para a parte de cima das casas. "Mas o rio alcançou e aí eles não tinham como descer. Precisávamos resgatá-los", explica Espírito Santo.

Os irmãos Bozó, família de quatro irmãos agricultores com fazenda na cidade, também estão sendo fundamentais para garantir o abastecimento de água e leite. "Eles têm mina d'água e também trouxeram o leite de vaca para as crianças. A solidariedade dos moradores daqui foi muito importante. Se não não teríamos nada", diz a turista Flávia Fonseca. ● B.P.M.

estadao.com.br
Confira mais informações e outras imagens

www.estadao.com.br/e/c7